

*O pacto autobiográfico:
de Rousseau à internet, Philippe Lejeune*
Martha Gerheim Noronha (Org.)

Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008

Ana Maria Haddad Baptista

Mestra e doutora em Comunicação e Semiótica;

Pós-doutora em História da Ciência;

Pesquisadora e professora da Universidade Nove de Julho.

São Paulo, SP – Brasil.

professoraanahb@gmail.com

...um homem com 67 anos não é de modo nenhum
o mesmo homem que era aos 50, 30 ou 20.
Todas as reminiscências são coloridas com os tons do presente,
vistas portanto sob uma falsa perspectiva.
(Albert Einstein)

Biografias, autobiografias e memórias são gêneros literários que, muitas vezes, carregam dúvidas em relação a diversos itens. Afinal, como pode e deve ser considerada uma biografia: realidade ou ficção? O que realmente compreende um espaço biográfico? Como poderia ser a definição de uma autobiografia? Há realmente um compromisso com a verdade? Em que medida? Estas e outras questões são propostas basilares da obra *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à internet, Philippe Lejeune. O livro é dividido em quatro partes. A primeira destina-se a tópicos relacionados ao título “o pacto autobiográfico”; a segunda compreende “autobiografia e sociedade”; a terceira destina-se a tópicos relacionados com “outras formas de auto-representação”; a quarta e última parte compreende estudos a respeito de “diários e *blogs*”.

Na parte I há o ensaio, digno de destaque, “O pacto biográfico”. O autor toca em questões bastante caras à literatura, especialmente, em relação ao romance. De acordo com o autor francês já é quase lugar-comum afirmar que um romance, se comparado a uma autobiografia, via de regra, traduz um espaço de grande liberdade ao escritor, ou seja, um romance possui mais verdades de um autor do

que uma autobiografia, que, geralmente, esconde a verdade. Por quê? Ao se ler um romance já existe certo acordo, implícito, entre leitor e escritor, de que um romance é literatura de ficção. Da mesma forma, em relação à autobiografia, pensa-se que tal gênero possui um compromisso com a verdade.

Lejeune, de certa forma, desmente tal postulado. Retoma o clássico caso de André Gide. Sabe-se que Gide, pois ambos são franceses, enquanto escrevia sua famosa obra, *Os moedeiros falsos*, manteve, em paralelo, um diário onde colocava suas dúvidas, questionamentos e angústias em relação à escritura de um romance, dentre elas, como construir uma interioridade que envolvesse, realmente, o leitor? Como conseguir o máximo de autenticidade? A discussão a respeito de biografias, memórias, autobiografias *versus* romances é, no mínimo, polêmica. O pesquisador francês declara, em princípio, que, no caso de Gide, se o escritor declarou que as grandes verdades apareceram em seus romances, por que ele teria escrito memórias? Por que não teria se limitado a escrever apenas romances? E outros escritores que também escreveram romances e autobiografias?

Não se trata mais de saber qual deles, a autobiografia ou o romance, seria o mais verdadeiro. Nem um nem outro: à autobiografia faltariam a complexidade, a ambigüidade etc.; ao romance, a exatidão. Seria então um e outro? Melhor: um em relação ao outro. (GIDE, 2009, p.28).

Nessa medida, Lejeune coloca que as duas categorias de texto não devem ser reduzidas a nenhuma delas. Não custa lembrar que diários, memórias e semelhantes também foram categorias textuais bastante usadas pelos cientistas, inclusive, em tom confessional, como, por exemplo, *Notas autobiográficas, de Albert Einstein* (1982).

Na verdade, todos os textos reunidos na obra de Lejeune remetem a questões de suma importância aos que se interessam pelas possíveis imbricações entre realidade, verdade e ficção. O pesquisador francês não concede. É uma grande autoridade no assunto.

A segunda parte do livro é dedicada a questões ligadas à autobiografia e sociedade. Num primeiro momento, o autor realiza um pequeno histórico a respeito da autobiografia de um modo geral.

É de conhecimento geral que, durante muitos séculos, a autobiografia ou mesmo a biografia e memórias foram quase exclusividades de classes economicamente privilegiadas. Pessoas ilustres, que despertaram grande interesse porque fizeram sucesso em uma determinada área ou porque ocuparam cargos relevantes. Nessa perspectiva, reis, rainhas e outros nobres praticamente sempre ocuparam os primeiros lugares. Na contemporaneidade as coisas não mudaram muito com o agravante, talvez, de que aqueles que de alguma forma estão na mídia, não importa se um modelo fotográfico, um jogador de futebol, um escritor, na verdade, basta “estar famoso” para que haja um grande interesse, por todos os lados, em se escrever uma biografia, ou uma autobiografia, para a “divulgação de uma vida cheia de sucessos”. Via de regra, o importante é ter fatos interessantes e mirabolantes para se contar. Tais livros, a cada ano, garantem um generoso espaço editorial para a alegria do mercado (sempre ávido) capitalista.

Entretanto, Lejeune ressalta que desde os anos de 1960 há certa tendência de algumas áreas do conhecimento, em especial, da Sociologia e da História, que buscaram as histórias de vida das camadas populares. Tal fato criou novas discussões a respeito do assunto. De acordo com o autor, as classes mais populares, agora, alvos de atenções biográficas, abriram espaços para novos métodos de investigação na área de ciências humanas e, em princípio, segundo Lejeune, seria preciso discutir um outro conceito, ou seja, o de autoria. Lembra que, quando as camadas populares entram em cena, via de regra, são vidas contadas por intermédio de respostas às questões de sociólogos e historiadores. Desta maneira, os entrevistados e talvez os futuros biografados não serão aqueles que realmente irão escrever suas vidas. Daí viria um primeiro impasse: quem seria o autor de tais textos? Onde estaria o real espaço do biografado? Lejeune relata diversos casos, no contexto francês, em que as discussões foram acirradas.

Por um lado, declara o autor, aquele que se presta a ser biografado, “tem por função dizer o que sabe e responder às perguntas, ficando, portanto, nessa etapa, isento de responsabilidade.” (p.81) Desta forma, o biografado seria apenas uma espécie de fonte. “Pode se deixar levar pela memória, uma vez que está liberado das restrições ligadas à escrita.” (p.82). Por outro lado, “o redator se vê, ao contrário, incumbido de todas as funções de estruturação, de regência, de comunicação com o exterior.” Prossegue Lejeune: “Condensar, resumir, eliminar os resíduos, escolher eixos de pertinência, estabelecer uma ordem, uma progressão.” (p.83). Quais seriam os resultados de tal método? Um texto, na verdade, hipócrita, visto

que os envolvidos, biógrafo e biografado, inscrevem-se na “teia editorial” apenas para satisfazer uma grande “fatia” do mercado, que, diga-se, de passagem, cresce, de forma assustadora.

É sabido que a contemporaneidade busca uma individualização – em diversos níveis – quase absoluta. Há uma escassez alarmante de interlocutores e uma necessidade doentia em se falar, contar, narrar, mesmo que no papel, daí, entre outros motivos, o aumento do gênero em questão. A era de Narciso nunca foi tão forte. É preciso aparecer de qualquer maneira. “Sob formas diversas (que no fundo são sempre variações em torno do testemunho), trata-se de textos intermediários entre a autobiografia e a biografia” (p.92), afirma o pesquisador francês.

Outro ponto de destaque na obra é o relacionado, estritamente, a diários. Segundo o autor, fontes de pesquisas francesas indicam que ainda, em nossa época, muitas pessoas mantêm diários, talvez, para espanto geral. Não só adolescentes (visto que tal procedimento entre eles é muito comum), mas de um modo geral, pessoas mais instruídas possuem tal prática.

O autor faz um histórico a respeito de diários, enfatiza, por exemplo, que o diário já se prestou a diversos objetivos, como por exemplo, uma espécie de confidante, fragmentação temporal, fixação de momentos felizes ou não. Nessa medida, Lejeune, de forma gradativa e sedutora, conduz os leitores a um gênero textual inaugurado pela internet, os denominados *blogs*, ou diários on-line.

Integram o percurso acadêmico e intelectual do autor francês inúmeras pesquisas relacionadas com identidade, subjetividade e perspectivas a partir de uma escritura. O autor fez, por intermédio de diversas pesquisas de campo, uma compilação de depoimentos, do público francês (desde os mais jovens até outras faixas etárias) para examinar e analisar as razões pelas quais as pessoas mantinham um diário no modelo tradicional (cadernos, cadernetas) e outras que mantinham *blogs*. Ele não deixa de mencionar o espanto (e ranço) de seus colegas acadêmicos por estar preocupado com tais tipos de escritura (principalmente os *blogs*). Mas, enfim, ele mesmo redige um diário para testar a si mesmo e comparar textos escritos em diversos momentos de sua vida, mesmo que num curto período.

A época contemporânea, conforme é sabido, se traduz, inclusive, por novos modelos de subjetividades, interioridades. O *blog* ou diário on-line são formas de escritura cujo suporte material é uma tela de computador, portátil ou não. Tal forma reflete, em parte, necessidades específicas de um extravasamento individual, solitário. Ao longo da história da escrita é sabido que os suportes que a

materializaram, que lhe deram, direta ou indiretamente, fisicabilidade, sempre, influenciaram a estrutura de pensamento da humanidade. Houve a época do manuscrito com diferentes suportes, houve a época do manuscrito “passado a limpo”, houve a época da máquina de escrever, a época da máquina de escrever eletrônica (para alívio parcial de muita gente) e, finalmente, aquilo que revoluciona, de maneira drástica, a relação entre texto e homem : a famosa tela do computador.

O *blog* é uma espécie de diário. Entretanto, não se confunde e nem é equivalente ao diário tradicional, que pode conter passagens fragmentadas da vida de uma pessoa, assim como pode recolher impressões esparsas; além disso, geralmente é lido somente por aquela pessoa que o redige. O *blog* é um texto em exposição. A pessoa que o mantém divulga seus sentimentos, opiniões e outras coisas mais. Possibilita, em relação ao diário tradicional, a inserção de imagens das mais variadas, além de possibilitar o diálogo, a réplica. Tal tipo de texto está calcado numa época em que os limites de privacidade (exposição e outros) são muito diferentes em relação a outros tempos.

A obra de Lejeune propõe para os estudiosos de literatura e para todos aqueles de outras áreas, mesmo as das ciências, perspectivas singulares para que se repense, de acordo com as transformações atuais, o ato de escrever, não importa o nível. É fulcral nesta obra a questão do narrador, do autor e das tendencialidades, visto que ele enfatiza, direta ou indiretamente, até que ponto um texto possui condições de realmente ser fixado com transparência. Simultaneamente, mesmo que de maneira tangencial, o pesquisador mostra-se ativo e aberto para as novas possibilidades de literatura que a internet pode e poderá produzir. Lejeune reforça a tese de nosso grande mestre Walter Benjamin de que os novos meios de reprodutibilidade estão proliferando. Ignorar, de maneira cômoda e ingênua, transformações só reforça a exclusão, o preconceito e as amarras que tanto exaurem os mais oprimidos, em diversos níveis, eternos excluídos do perverso sistema dominador. Queiramos ou não as novas possibilidades de textos estão ao nosso lado. Portanto, é necessário que estejamos, de alguma forma, preparados para analisá-los e recebê-los com justiça, clareza. Basta lembrar, sem muitos esforços, que grandes escritores jamais conseguiram publicar, em vida, uma linha sequer porque as meras identificações (além dos cânones passadistas) prevaleceram sobre as formas inovadoras, que, no mínimo, podem nos levar a novas imagens de pensamento e, talvez, a um universo um pouco mais digno de admiração.

Referências

EINSTEIN, Albert. *Notas autobiográficas*. Tradução Auly Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GIDE, André. *Diário dos moedeiros falsos*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.